

Transcrição Podcast – A Lira do Clio

Episódio: A dita “Revolução de 30”.

Participantes: Gustavo Lima Santos, Eric Cyon, João Paulo da Silva e Davih Lima.

Edição: Davih Lima.

Textos utilizados para o debate:

“A revolução de 30.” - FAUSTO, Boris.

“1930: o silêncio dos vencidos.” - DE DECCA, Edgar.

Davih: Olá a todos e a todas, estamos de volta. Eu e o João, e vamos dar início a mais um episódio de “A Lira de Clio”, e no episódio de hoje o tema será pertinente a história do Brasil que é a Revolução de 1930. Para isso, a gente continua com a nossa proposta de revisitar esses temas já consolidados na historiografia que fazem parte do currículo escolar brasileiro, de forma a desconstruir um pouco uma visão simplista ou reducionista de que tivemos na escola de uma história monolítica ou de uma história unilateral. O que a gente quer aqui é mostrar um pouco do ofício do historiador, podemos dizer assim, na universidade de observar os debates historiográficos, de observar as diversas agências do processo histórico, e como os autores e historiadores, eles possuem diferentes visões, ou diferentes abordagens de diferentes assuntos, como eles formulam outros argumentos olhando para um mesmo tema e mostrar que isso tem muito a ver com o contexto de cada autor, contexto dessa história que é escrita, que faz parte de um contexto da vida política da pessoa que está inserido nas questões de quais fontes são abordadas, enfim. E para começar a gente vai trazer uma breve contextualização da revolução e eu vou chamar o João pra iniciar essa contextualização aqui agora.

João Paulo: Bom, primeiramente, é uma alegria imensa estar aqui no terceiro episódio de “A Lira de Clio” com o Davi, com Eric e com o Gustavo. Eu gostaria de fazer uma contextualização bem rápida assim, do que foram esses 40 anos desde a proclamação da república até a Revolução de 30, se é que podemos chamar de Revolução de 30. Um dos primeiros elementos importantes a se destacar nesse período é a importância do café, o café que já vinha adquirindo importância muito grande no final do segundo império do Brasil, se tornou uma atividade econômica fundamental pra primeira república, e começou correspondendo mais ou menos com metade das exportações do Brasil em 1900 e chegou até o auge por volta de 29, por corresponder com cerca de 72% das exportações, nesse período houveram alguns outros produtos, como por exemplo, a borracha que teve um auge por volta de 1910-1913. Mas o café sempre foi uma atividade econômica preponderante desse período e por essa razão as oligarquias que controlavam a produção do café foram fundamentais nas políticas do estado, esse sistema adotado pelo estado na república gerou alguma insatisfação em diversos setores da sociedade, foi um período de muitas agitações políticas, muitas greves, havia alguns setores militares que houve participação preponderante na proclamação

da república, e com passar do tempo nesse novo arranjo político adotado na primeira república se sentiram desprestigiados pelas políticas adotadas pelo Estado. Havia algumas elites oligárquicas que também não participavam desse jogo central que era principalmente centralizado em São Paulo e Minas, não só. Havia outras elites oligárquicas, mas as principais que controlavam o estado estavam nesse eixo que se revezavam ao longo dos mandatos.

Davilh: É, e isso justamente que o João falou que deu origem ao famoso jargão, podemos dizer assim, que é a política do Café com leite, que é essa alternância do poder entre presidentes oriundos de Minas Gerais e de São Paulo, do partido mineiro e paulista, que representavam essas oligarquias que estavam no poder durante toda a república velha. Agora abordando o lado mais factual da coisa, a gente pode lembrar o que pode ser considerado o estopim da Revolução ou o que tem uma grande importância, que foi a questão sucessória. Após o mandato de Washington Luís que era candidato do partido paulista, seria a vez, seguindo essa política, do partido mineiro eleger alguém, mas não foi bem assim que aconteceu, e o presidente Washington Luís indicou o Júlio Prestes pra ser o seu sucessor. O que causou um descontentamento com as oligarquias e que acabou gerando uma crise na república que culminou na Revolução de 1930.

João Paulo: Bom, essa sucessão entre os governos paulistas e mineiros acabou gerando uma frustração em alguns atores fundamentais durante esse período. Um desses atores, pode ser que foram os intelectuais, houvera alguns autores importantes no período como Alberto Torres que defendia a ideia de um Estado forte, nacional, que pegasse pra si a função de desenvolver o país. Ou seguimento que também se sentia desprestigiado conforme falei anteriormente, foram os militares, que tiveram um protagonismo muito grande na proclamação da república, mas com esse rearranjo político sentiam fora do jogo político e tinham uma ideia de Estado forte e não se sentiam contemplados com esse arranjo, e também houve um terceiro ator que surgiu com o crescimento das indústrias gerado por esse excedente do café que foi o movimento operário, o movimento operário foi muito fortalecido pelos imigrantes que vieram trabalhar na indústria, principalmente em São Paulo, mas não somente com os imigrantes, mas antes em 1910 já havia um movimento operário aqui no Brasil bem documentado com a participação de mulatos e negros, mas que se intensificou muito nesse período, e houve também a criação e a participação de alguns movimentos comunistas, e anarcosindicalistas dentro das fabricas. Essa questão social se elevou a diversas greves, chegou a alguns momentos o governo a declarar estado de sítio e a adotar políticas bem violentas para repressão destas.

Davilh: E outro fator que também apontada a exaustão desse sistema da política do café com leite da república velha foi a crise de 29, uma crise global do capitalismo que afetou bastante a economia brasileira que era pautada nesse ramo agroexportador do café principalmente.

João Paulo: É, nesse período o preço do café despencou completamente e a política que o governo adotou foi comprar o excedente desse café a um preço baixo, estocar e futuramente revender quando o preço voltasse ao normal. O governo chegou até mesmo a adotar políticas mais radicais como queimar as safras de café para tentar defender esse setor oligárquico.

Davilh: Pra reajustar o mercado. E o último estágio, podemos entender assim, foi à eleição que resultou na ascensão ao poder de Júlio Prestes em 1930. Em 1929 tinha já sido indicado pelo Washington Luís pra concorrer a presidência e as oligarquias de excedentes que se organizaram no partido mineiro, muito do partido mineiro e do Rio Grande do Sul indicaram Getúlio Vargas e seu vice João Pessoa, a eleição termina com a vitória de Júlio Prestes, mas isso não abafou e não encerrou as conspirações revolucionárias da oposição dessas oligarquias dissidentes. Em Outubro cominaram nesse movimento de deposição do poder de Júlio Prestes e a ascensão de Getúlio Vargas que representava a Aliança Liberal. E agora pra dar início ao debate, acho que é válido a gente introduzir o que será debatido, que é essa questão da historiográfica construída no decorrer dos anos sobre a Revolução de 30 e uma reavaliação historiográfica sobre o que foi a Revolução de 30 e se pode ser enquadrada como Revolução, se foi apenas um rearranjo dos poderes, das oligarquias, das elites ou se foi realmente um movimento que realmente representou uma ruptura e não uma continuidade do sistema, uma ruptura tanto política, econômica e ideológica, e será basicamente isso que o Gustavo e o Eric trará nesse debate pra mostrar um pouco disso que eu já tinha falado antes desse debate historiográfico que é feito no ambiente acadêmico, que muitas vezes não é levado nas escolas até o senso comum, até o currículo escolar brasileiro.

Eric: Bom, gente, Eric e Gustavo na área agora pra gravar a segunda parte, bom, nos outros dois últimos podcasts eu gravei a parte da introdução, então pra mim é um território novo né, ler os textos bonitinho e pensar neles pra tentar explicar pra vocês e tal. Mas de qualquer maneira, como o pessoal anunciou na introdução, nós vamos falar de dois autores aí bem renomados da historiografia brasileira. O Gustavo vai falar no caso do Boris Fausto. Eu vou falar do Edgar de Decca. Bom, como eu já estou falando aqui eu vou falar e apresentar o autor; Ele faleceu em 2016, era professor no departamento de história do instituto de filosofia e ciências humanas na universidade estadual de Campinas, também era pró reitor de graduação e vice reitor da universidade.

Gustavo: O Boris, Boris Fausto na verdade é daqui da casa, ele se formou em direito e História aqui na USP e esse livro que vamos usar aqui hoje, que é a “Revolução de 30: História e Historiografia”, esse trabalho foi, ele serviu como tese de conclusão da graduação do Boris, quando ele estava terminando História. Vamos lá! Eu vou começar..

Eric: Isso, começa você falando do Boris Fausto, até porque, eu estava até olhando esse livro do Edgar de Decca, eu achei legal, eu peguei pra ler e “uau!”, sabe assim? Foi um livro difícil, ele fala de memória, construção historiográfica, enfim. Eu estava pensando, como eu posso trazer esse conteúdo que é mais denso de um jeito mais palatável pro público, mas ao mesmo tempo não fazendo com que essa simplificação não acabe meio que tornando a informação errada que eu estou passando, então foi difícil. Eu percebi que como veremos aqui. Eles meio que não discordam totalmente. Eles não são opostos, na realidade o Decca tem essa intenção de revisar a revisão da revolução de 30, o Boris Fausto vem com essa ideia de desconstruir algumas coisas e o Decca vem com essa ideia de querer pensar o papel do intelectual ou do historiador dentro da atmosfera política que ele está vivendo, porque as pesquisas que a gente faz, as perguntas que o historiador se propõe a fazer do passado, elas estão totalmente influenciadas pelo presente que ele vive, então não tem como a gente fugir disso, é importante a gente ter uma noção, é importante a gente ser sincero com nosso estudo e mostrar as limitações que as nossas próprias ideologias, crenças e valores trazem pra nossa pesquisa. Mas isso de qualquer maneira não é nenhum defeito da ciência histórica, ela é uma característica né. Enfim, então Gustavo... Passo a palavra pra você. O que o Boris Fausto traz aí pra gente?

Gustavo: Então, no início do livro dele ele já traz uma discussão tentando já desconstruir o que já foi construído até a década de 60 do que foi a revolução de 30. Até então, o que era conciso entre os historiadores era o que: Eles tinham uma dualidade...

Eric: Uma dicotomia.

Gustavo: Exatamente, uma dicotomia, o que seria isso, seria dois setores que eram totalmente distintos, não se misturavam, eram opostos até. Que seria esse setor pré-capitalista, do campo, rural, que as relações de produção era basicamente feudal e semifeudal.

Eric: É, alguns historiadores gostam de usar esse termo “feudal” da idade média pro Brasil do século XIX.

Gustavo: Enfim, isso já é problemático já. Mas se tinha com toda convicção, e que, além disso, eles eram alinhados com essa ideia imperialista, com o colonialismo que tinha acabado de finalizar.. 30 ou 40 anos antes disso. Carregavam as raízes ainda. Então outro setor oposto a esses latifúndios era o setor capitalista, urbano.

Eric: Indústria, proletário, exportação.

Gustavo: Tudo era moderno, a questão dos modernistas presentes ali.

Eric: Aquela visão europeia, de que o Brasil precisa evoluir também.

Gustavo: Precisa se industrializar... Enfim, só tinha esses dois setores que estavam bem opostos na visão de até a década de 60, e o Boris vêm tentar dizer que não é tão assim, não está tão separado esses dois grupos.

Eric: Não foi uma quebra.

Gustavo: Não foi uma quebra, não foi. Ele já vem falando que essa galera industrial burguesa de classe média, que também tinha apoio dos militares, liberalistas e tudo mais. Na verdade eles não eram tão separados dessa galera rural. Que acontece na verdade, é que parte de alguma classe ali que era parte desse setor rural exportador, esse que rebelou contra os demais, que entra a classe das regionais, que era São Paulo, Minas...

Eric: A quebra da república do café com leite.

Gustavo: Exatamente, Getúlio, como um sulista que se ascendeu ao poder depois da Revolução... Então foi mais uma quebra interna do que uma ruptura na estrutura do momento. Boris deixa claro no livro que na verdade não houve essa ruptura drástica, “uau revolução”, mexeu nas estruturas de base... Na verdade não, o que aconteceu foi que houve mais um “o clube do bolinha se desfez ali”.

Eric: Uma reestruturação digamos assim.

Gustavo: Uma reestruturação! Exatamente!

Eric: Então, interessante que, da até pra dizer que ele transforma aquela dicotomia né, aquele isolamento, confronto num diálogo, numa dialética que o pessoal fala né. Engraçado que lendo o texto do Decca, eu estava pensando, ele tem aquela preocupação da posição do intelectual até de historiador frente às demandas do poder, o que que isso quer dizer. O problema tá em você entender a revolução de 30 primeiro como uma revolução, porque a gente tem isso como um dado, como um fato. E o Decca tenta mostrar que na verdade essa construção de dizer “Revolução de 30” ela é já uma construção da historiografia, ou seja, estudiosos historiadores estudaram, analisaram através das fontes e bateram o martelo e falaram: “Foi uma revolução”. Qual o problema de você falar que foi uma revolução? Porque você está dizendo que teve uma mudança drástica como Boris Fausto já mostra que não foi, então, nessa parte eles concordam. E ele diz o que então, se fosse a Revolução em 30 então antes era um sistema, agora era outro, antes era alguém no poder, depois era outro. Boris Fausto demonstra isso que não é bem assim. O ponto é que a Revolução de 1930 construída pela historiografia, ela não é simplesmente vamos colocar desse jeito. Uma invenção dos historiadores, ela realmente tem os estudos, enfim, tem uma argumentação que a gente não pode desmerecer ao todo, mas ela é muito influenciada pelo contexto político de tentar enxergar nos anos 60 70 aquela coisa de revoluções, então tentar enxergar também nessa parte da história do Brasil, um ponto de ruptura entre a república das oligarquias do café com leite, e o ponto onde há uma república mais voltada à nação, para o interesse do povo em si, a nação como sujeito

também né, então ele está preocupado com isso. Ai eu não acho nem uma visão oposta, mais uma crítica, o Decca acredita que sim, houve uma disputa de classes sociais ali dentro, o problema é que quando você diz que tem uma revolução você já tá dando uma função a cada gente ali dentro. A revolução pra ele é que “o clube do bolinha” que nem você falou Gustavo, que assume o poder ou que permanece no poder, enfim o que continua no poder foi muito benéfico pra ele dizer que houve uma revolução então ele adotaram os valores da revolução instauraram o poder ali dentro dessa dinâmica industrial e disseram “bom, a revolução aconteceu, nos encabeçamos a revolução e as coisas vão funcionar assim agora” e você então fala assim, seria muito bom pra gente que teve sim uma revolução e nós vencemos, o povo venceu, a revolução industrial venceu, então é conveniente você estabelecer essa quebra né, temporal, então o historiador, por mais que, por exemplo, o Boris Fausto, aqui é crítica do Decca, tente retornar e enxergar o que aconteceu de verdade ou próximo do que aconteceu, só dele tentar entender isso no ponto de vista de “Revolução de 1930”, ele já está entrando no discurso de que houve a Revolução, ele já está dizendo que existe uma elite, uma classe social, uma burguesia industrial que tem essas oligarquias do café, então ele já está dizendo os grupinhos que tem lá dentro, não só Boris Fausto, mas qualquer historiador que se aventure a tentar a usar esses termos, já está meio que dando as funções dessas classes sociais.

Gustavo: O historiador, ele está comprando uma ideia que já foi desconstruída pela própria história, e o Boris compra essa ideia.

Eric: Ele adota, por mais que você tente a ideia de outro jeito, você ainda está nessa ideia, você está assumindo uma construção de quem estava no poder, uma construção da historiografia, mas você não consegue sair desse jogo. Então pro Decca, se você quer realmente ver as dissidências entre os, por exemplo, entre os proletariados, entre a própria burguesia industrial, entre os partidos, você tem que enxergar eles ali dentro por eles e quais propostas tinham ali dentro, porque o grupo inteiro não concorda, não tem uma mesma ideia do futuro que o país devia adotar, e quando você, alguém vai lá e diz essa ideia desse grupo e pronto, você acaba calando a voz de outras pessoas, de outras ideias que poderiam ser diferentes,

Gustavo: E assim, por mais que tenha realmente essas limitações do próprio livro do Boris, ele é um livro construído todo fazendo uma narrativa dos setores da década de 20, até a chegada da Revolução, então ele nem adentra após a Revolução, ele permanece ali nos antecedentes da revolução, mesmo assim, com todo esse detalhamento dos setores e tudo mais, que se voltou para a revolução, que fizeram parte, ainda assim, conseguimos achar essa falha de que, enfim, ele não adentrou devidamente nas classes dos setores.

Eric: Não foi afundo, não investigou, essas classes eram dessa maneira?

Gustavo: Que foi o que o Decca fez!

Eric: É, ele tenta propor isso, ele tem essa preocupação em mostrar que “vamos entender primeiro, o que é esse conceito de revolução, o que foi esse momento”, se você quer entender da maneira mais próxima possível. Porque é impossível você entender o passado perfeitamente, vamos tentar enxergar as coisas com outra visão antes de dizer “foi uma revolução”, mas como é que foi? Ou “foi uma revolução, mas não foi bem assim”, então como é que foi? Então essa crítica do Decca, que da pra você estender a qualquer outro tipo de modelo historiográfico que se explica alguma parte do passado, não desmerece, não aponta um defeito que acabe com toda aquela explicação, ele só quer que você fique atento, como dizemos no começo, que você já está cunhando um termo pra designar o que aconteceu. Enquanto você usar esse termo de um jeito ou de outro, você ainda vai cair em algumas armadilhas, em algumas construções feitas por historiadores, ou seja, por pessoas que não viveram o momento, mas estão tentando entender ele de um ponto futuro, acho que esse é o X da questão.

Gustavo: E o que a gente não pode esquecer, é que realmente foi um marco né, essa data da Revolução de 1930, ela foi um marco né, houve uma divisão, houve enfim, diversas estruturas na divisão do país.

Eric: Que não foi necessariamente em 1930, foram mudanças que aconteceram num tempo muito maior, graduais, que não da pra dizer que “acordei e pronto, novo Brasil, a república nova”... Não é assim.

Gustavo: Exatamente! Mudanças graduais. Então, só é a gente ver esses marcos, mas também ver o que tem por trás deles.

Eric: Por trás deles, porque esse próprio marco, você estudar o que é revolução da década de 60, é você tentar entender também como a política, o pensamento político funcionava nos anos 60 né, então é você entender o passado mais recente estudando alguém que estudou o passado mais... (distante). É, eu sei, é um pouco, estou indo um pouco longe, mas é puxado. Mas todo e qualquer inferência do historiador já revela um pedaço do pensamento dele, daquela época. Então você viu que o pessoal no início do programa deu toda essa introdução do que foi a revolução de 30, então a gente vai indo em níveis, tem o Boris Fausto que descobriu o que a gente já vê na escola, e tem o Decca que tenta desconstruir o cara que descobriu sabe, então é essa briga.

Gustavo: É o avanço historiográfico né. É esse o jogo do campo aqui.

Eric: Esse é o jogo do campo! O importante não é remontar o passado, mas analisar o pensamento da época, as coisas, o que aconteceu? Porque elas aconteceram desse jeito? Porque a gente enxerga a história do Brasil tendo essa mudança de 1930 como um fato, e não é um fato, revolução de 30 não é um fato. Não aconteceu a revolução de trinta, aconteceu alguma coisa lá que os historiadores quiseram chamar de “Revolução de 30”.

Gustavo: Definiram como “Revolução de 30” posteriormente né.

Eric: Assim como qualquer outro discurso e modelo de explicação entendeu. Então eu acho interessantes os dois autores, que eles têm esse ponto de embate, mas não é que um está refutando o outro, é que eles estão trabalhando em camadas, em níveis diferentes né, não é que o Boris Fausto não soubesse de todas essas coisas que o Decca está falando, mas é aquela coisa, você vai comprar o discurso ou não vai quando for construir suas teses, seus argumentos? Qual a sua proposta? Então eu achei bem interessante esse texto do Decca, apesar de ser um pouco denso.

Gustavo: E é um assunto que ele é muito pautado, porque, enfim, nas universidades, cursinhos populares, pré-vestibulares, escolas, esse é um tema que sempre aparece, então é bem legal trazer esse tema justamente por conta dessa reflexão do que foi, do que antecedeu, do que houve posteriormente. É uma discussão muito legal pra gente deixar em pauta.

Eric: Então eu acho que é isso, conseguimos trabalhar esse tema, espero que não tenhamos confundido muito vocês né.

Gustavo: Porque a história é mais desconstruir do que construir.

Eric: Mais vocês constrói descontruindo. Espero que vocês tenham gostado do programa e até a próxima.

Gustavo: Até a próxima galera!